



Ciência da Religião e Ensino Religioso. Efeitos de definições e indefinições na construção dos campos *Science of Religion and Religious Education. Effects of Definitions and Uncertainties on the Construction of the Fields*

Elisa Rodrigues*

Resumo: Esse artigo propõe investigar em que medida os aportes teóricos e metodológicos da Ciência da Religião podem efetivamente servir para a construção de um ensino religioso reflexivo, preocupado com os princípios de um Estado democrático, pluralista e laico. No Brasil, a Ciência da Religião é uma jovem área do conhecimento. A peculiaridade de seu trajeto em construção é que sua identidade foi forjada sob influência da Teologia e *insights* do materialismo histórico. Processo similar ocorre com o ensino religioso que integra o conjunto de componentes curriculares que compõe a Base Nacional Comum, que orientam o ensino nas escolas públicas. A peculiaridade desse componente é que também ele teve início com a demanda cotidiana. O presente artigo busca explicitar a possível relação entre Ciência da Religião, Ensino Religioso e Fenomenologia da Religião.

Palavras-chave: Ciência da Religião. Ensino Religioso. Fenomenologia da Religião. Epistemologia. Prática docente.

Abstract: This article discusses the extent to which theoretical and methodological contributions of Science of Religion can effectively serve to create a reflexive religious education, committed to the principles of a democratic, pluralistic and secular State. In Brazil, the Science of Religion is a young area of knowledge. It is a Brazilian peculiarity that its disciplinary identity was formed both under the influence of the Theology and in reference to historical materialism. The same is true for religious education whose curriculum guides the teaching in public schools on a national basis. Another peculiarity of religious education consists of the public demand towards the discipline. In this context, the article contemplates on the possible relations between Science of Religion, Religious Teaching and Phenomenology of Religion.

Keywords: Science of Religion. Religious Teaching. Phenomenology of Religion. Epistemology. Teaching Practice.

* Doutora em Ciências da Religião (UMESP) e em Ciências Sociais (UNICAMP). Professora do Departamento de Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG, cadeira Religião e Educação. Coordenadora do subprojeto de Ensino Religioso do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) da UFJF, subsidiado pela CAPES. elisa.erodrigues@gmail.com

Introdução

A relação entre Ciência da Religião e Ensino Religioso não é auto-evidente, embora o objeto das duas seja a religião ou, como proponho neste artigo, o fenômeno religioso. Além disso, outra característica que as aproxima é o fato de que a Ciência da Religião na academia brasileira teve início com estudos que priorizaram o empírico como, em certo sentido, o Ensino Religioso, que, antes de um embasamento teórico e compreensivo sobre a religião, teve início pelas mãos de profissionais envolvidos mais com a vivência dela do que com a reflexão a seu respeito.

Tanto para a implementação de uma como de outra, obviamente, faz-se necessário o entendimento das razões históricas que coadunaram para a formação dessa área-disciplina. Mas há uma diversidade de textos, quanto ao Ensino Religioso, que atende a essa finalidade de historiar a trajetória de fundação e implementação desse componente curricular, razão pela qual não me deterei nessa discussão sobre as modalidades de Ensino Religioso atualmente existentes.

O presente artigo visa explicar a relação que vem se estabelecendo entre Ciência da Religião e Ensino Religioso como alternativa para a tematização do tema religioso nas escolas públicas laicas. Objetiva-se uma análise que problematize as implicações de propor o Ensino Religioso como componente sob orientação da Ciência da Religião. As perguntas que o orientam, pois, visam refletir: 1) - em que medida avançamos ou não quando afirmamos que o Ensino Religioso nas escolas deve proceder segundo uma abordagem fenomenológica? 2) - O que dizemos ser Fenomenologia da Religião atende à especificidade do Ensino Religioso-Laico?

Tal problematização justifica-se na proporção que inquietações relacionadas à epistemologia da Ciência da Religião parecem também se aplicar ao Ensino Religioso. Especificamente, sobre o que seria aquilo que caracteriza a abordagem do tema religião e que nos textos sobre esse componente curricular tem sido apontado como Fenomenologia. O problema que se coloca é que os limites tanto do que se entende por Fenomenologia quanto ao como se aplica essa metodologia não parecem muito claros, seja para a Ciência da Religião, seja para o Ensino Religioso. O que me leva a compreender como relevantes estudos e pesquisas que ambicionem pensar o triunvirato área-metodologia-componente curricular – Ciência da Religião, Fenomenologia da Religião e Ensino Religioso –, complementarmente.

Este artigo assume essa tarefa ciente de seus limites. Para tanto, desenvolve-se em três partes, basicamente: 1) uma breve apresentação sobre o que caracterizaria a Ciência da Religião no Brasil; 2) uma proposta de Fenomenologia da Religião que serviria tanto para a área quanto para o componente curricular; 3) uma reflexão a respeito de como tal proposta fenomenológica concederia base para um Ensino Religioso reflexivo, atenta à escola pública laica. Como se trata de uma reflexão em curso, o artigo que segue não aspira pôr termo ao debate, mas, antes de qualquer coisa, suscitá-lo por meio de *insights* que, sabe-se, precisam ainda de refinamento.

Ciência da Religião no Brasil, uma área em construção

Em 2012, Eduardo Gross discorreu a respeito do trajeto de construção da Ciência da Religião no Brasil num artigo que elencou argumentos para justificar as diferenças entre esta área de conhecimento no contexto brasileiro em relação à realidade da Ciência da Religião anglo-saxã. Nele, Gross indicou espécie de afinidade entre a reflexão teológica da

libertação e a *práxis* fomentada pelo materialismo histórico, aqui, compartilhados pelas Ciências Sociais brasileiras e por um ambiente favorável à emancipação de religiosos (clérigos e leigos) dos seus círculos eclesiais de origem. As implicações diretas disso para a Ciência da Religião no Brasil seriam: 1) - a emergência de uma área de conhecimento influenciada pelos marcos teóricos e metodológicos das Ciências Sociais; e 2) - a presença de muitos religiosos na fundação da área, boa parte deles vinda da Teologia. No presente artigo, propomos discutir um pouco mais o primeiro desses pontos especialmente porque, em outro artigo, Gross continuou a discussão sobre a trajetória histórica de desenvolvimento da Ciência da Religião no Brasil, resumindo pontos importantes que dizem respeito: 1) - à distinção de Teologias dogmáticas; 2) - à ausência da Teologia moderna e crítica nos programas de Ciência da Religião no Brasil; 3) - à forte presença de estudos empíricos na Ciência da Religião brasileira e; 4) - à lacuna de estudos que aprofundem a questão da especificidade da área de Ciência da Religião no Brasil, em relação a outras áreas, como Sociologia, Antropologia, Psicologia, História e Geografia¹.

Nesse tocante, as sugestões de Gross indicam-nos como possibilidade de reflexão alguns caminhos para questionar se o viés empírico da Ciência da Religião no Brasil não caminharia par e passo com uma tendência compreensiva, embora existam estudos de religião que se contentam em abordar o fenômeno religioso apenas externamente ou descritivamente. A meu ver isso ocorre quando, primeiro, a influência dos aportes metodológicos legam à Ciência da Religião brasileira apenas ênfase na abordagem da religião pela via empírica ou etnográfica. Segundo, quando essa via resulta num conjunto de trabalhos de campo, análises de caso, pesquisas comparativas e estudos sobre religião e religiosidade cujo realce remontaria à abordagem da religião como reflexo da História e das contingências socioculturais.

Nesses casos, observa-se que a produção científica se preocupa em descrever a composição e as controvérsias do campo religioso brasileiro a partir das suas dinâmicas sociopolíticas, seus processos históricos e seus arranjos e reconfigurações. O pesquisador vai a campo para conhecer a religião “a partir de dentro”, mas mobiliza um arsenal de teóricos que lhe iluminam a análise da religião como: 1) - derivação do sistema econômico; 2) - como fruto da determinação das condições materiais da História; e/ou 3) - como instituição cuja função é conformar os corpos, discipliná-los e fomentar a alienação. Trata-se, portanto, de um tipo de abordagem da religião digna pelo alto criticismo político-social, mas que prioriza uma leitura da religião que a reduz, na medida em que identifica nela apenas o seu aspecto institucional, de agência que tem poder, que determina as condutas sociais e que se caracteriza pelo exercício de funções sociais.

Isso nos conduz a outro ponto. De um lado, tal trajetória justificaria alguma indefinição quanto ao que, na Ciência da Religião brasileira, se compreende por fenomenologia da religião: método que quase sempre assume, mas que nem sempre sabe definir. Mas, por outro lado, o vínculo com as Ciências Sociais, especialmente as que possuem afinidade com a Hermenêutica, também lhe permite uma aproximação com a fenomenologia da religião, porém, por outra via que não a da Filosofia. Refiro-me à Sociologia Compreensiva com forte contribuição de pensadores alemães como Weber e Simmel (do início do século 20) e à Antropologia Cultural ou Interpretativa (da segunda

¹ E. GROSS, Conhecimento sobre Religião, pp.119-123.

metade do mesmo século) geralmente vinculada ao nome de Clifford Geertz, conhecido pelo seu livro *A interpretação das culturas*.

Sugiro que, mesmo sob a influência da Teologia da libertação e *insights* do materialismo histórico, a jovem Ciência da Religião no Brasil insere-se do campo das Humanidades quando visa à compreensão do fenômeno religioso não exclusivamente pelos métodos de tônica quantitativa, descritiva e ou classificatória. Uma intuição que, em alguma medida, se alinha com o que propôs Gross ao afirmar:

a Ciência da Religião como uma área de estudos de caráter humanista e de natureza compreensiva. Por 'humanista' entende-se aqui o conjunto de conhecimentos relativos ao espírito humano que transcende a sua dimensão meramente quantitativa e explicativa.²

No entanto, o autor sugere que as características que atribuem à Ciência da Religião o perfil de ciência compreensiva estariam mais próximos dos Estudos Literários, das Narrativas Históricas e da Psicologia Interpretativa, bem como da Teologia moderna e, finalmente, da Filosofia. Isso, segundo entendo, como resultado do uso da disciplina Hermenêutica, empregada por cada dessas áreas no intuito de interpretá-los, para além de coletar as “construções do espírito humano”. Essas importantes “construções”, portanto, pediriam mais do que explicação externa, ordenação e classificação. Pediriam a pergunta pelo sentido que expressam. Daí a natureza compreensiva da Ciência da Religião e sua inclinação para o entendimento do fenômeno religioso a partir de seus discursos.

O que proponho é que, além das afinidades com as disciplinas elencadas por Gross, há igualmente possibilidade de pensar a tendência interpretativa da Ciência da Religião no Brasil a partir de similaridades com as abordagens da Sociologia compreensiva e ou da Antropologia Cultural, ambas preocupadas com a compreensão da religião a partir dos seus termos internos e discursos. Tal tendência interpretativa, que parece ser a vocação da Ciência da Religião, soa interessante não apenas para o fortalecimento a área, mas também para o componente curricular Ensino Religioso que, na atualidade, também carece de uma elaboração metodológica mais assertiva que oriente a prática docente. Sobre esse ponto, adiante apontamos alguns caminhos teóricos.

O que a fenomenologia da religião pode fazer pelos estudos de religião?

Partindo do pressuposto de que o entendimento do fenômeno religioso requer uma análise que busque os significados do que ele implica para indivíduos religiosos em termos de orientação para a vida social (ações e relações sociais), elaboração de códigos de usos e costumes e atribuição de sentido para a vida (no sentido de existência) e aquilo que a religião teria de mais “religioso” (ou o que é peculiar das manifestações religiosas) – como sugeriu Eliade (1957; 1993) –, tem-se em vista que tal abordagem caracteriza-se por ser estruturalmente enviesada por um processo interpretativo.

Pertence à alçada da fenomenologia da religião o exercício de conhecer e interpretar o fenômeno religioso como se manifesta. Etimologicamente, o entendimento de fenômeno denota qualquer objeto possível de experiência³ como aparece ou como pode ser

² Ibid., p.124.

³ T. RYBA, *Phenomenology of Religion*, p.93.

percebido ⁴. Mas a aparência do fenômeno somente pode ser desvelada pelo discurso ou pelo conhecimento – logia – sobre ele. Conhecimento que se obtém por meio da interpretação do que aparece e do que está por trás do que aparece, isto é, aquilo que subjaz à aparência. Isso significa que a fenomenologia lança luz sobre aquilo que objetos possuem em termos de 1) – índices; 2) – ícones; e 3) – formas de apresentações, características dos objetos que não se descolam das aparências. O fenômeno manifesta-se segundo duas variedades implícitas aos objetos, uma que diz respeito a sua parte externa e outra que diz respeito a algo que lhe é interno. Com base nesses pressupostos, em minha tese doutoral propus que a abordagem fenomenológica

pleiteia é perceber a religião na condição de fenômeno que tem singularidade, visto que não completamente dependente de determinações histórico-sociais e ou exclusivo do reino das emoções, que aventa um forte pressuposto analítico: a religião em si.⁵

O interessante, portanto, seria

reconhecer que a religião se singulariza na *experiência* do crente, razão pela qual compreendê-la requer imergir no universo das ideias e das práticas religiosas, a fim de que pelo conhecimento dos termos dos religiosos se faça uma aproximação, mesmo que assintótica, do que ela significa em termos de experiência do ser-no-mundo. Esse exercício nos autoriza a dizer da religião, especialmente, da experiência religiosa, que tem dupla dimensão: uma que é subjetiva (que se expressa no nível ontológico, da possibilidade de conferir sentido à existência do ser-no-mundo) e outra que é objetiva (que se expressa no nível sociopolítico) [e orienta condutas].⁶

Sabe-se que existe certa disparidade entre abordagens definidas como fenomenológicas. A variedade de propostas revela que não existe apenas um modelo fenomenológico, mas vários que apresentam algumas similaridades. Assim, seria preciso perceber ainda que existem diferenças entre o método fenomenológico filosófico e o da fenomenologia da religião, que cada qual conhece pouco do outro.

⁴ A palavra fenomenologia deriva do grego *phainomena* e *logike*. *Phainomenon* é o nome formado da inflexão passiva *phainomai*, do verbo *phaino*. A raiz greg *pha* - e seu cognato sânscrito *bla* -, diz respeito ao que brilha, o que é brilhante ou luminoso, esplendido, eminente, o que aparece como, mostra-se, se manifesta. Algo que se mostra, que se conhece *através* do fenômeno e é paradigmático de significação (M.Heidegger, *Being and Time*, p.29). *O* é o sufixo usado para formar palavras compostas. Trata-se de um sufixo que aponta para um conceito interno à palavra, um discurso, diálogo, princípio, essência. Assim, o *O*, quando ligado a *logikê/logia*, isto é, formando *ologikê/ologia*, significa especificamente um discurso analítico ou científico sobre a palavra em prefixo. *Ologia* significa o singular conceito (ou ciência) tematizado pelo nome que o antecede. Quando ambas tematizações são colocadas juntas, fenomenologia é construída como uma ciência da essência desvelada pelo fenômeno. Para Heidegger, o *logos* como manifestação (*apophainesthai*) expõe verbalmente o que é parcialmente ou completamente ocluído (fechado, isolado) pela aparência. Quando se elabora um discurso rigoroso se torna prova, então o *logos* como manifestação se torna demonstração (*apophansis*) ou prova científica (*apodeixis*). (Ibid, p.56).

⁵ RODRIGUES, E. “A mão de Deus está aqui!”, p.24.

⁶ Ibid.

Por isso, se justificaria o conhecimento de ambas e o exercício teórico de buscar na fenomenologia filosófica contribuições para o fortalecimento da segunda⁷.

Ao modo do que propôs Gerardus Van Der Leeuw (1890-1950) em *Phenomenologie der Religion*, de 1933 - publicado em inglês sob o título *Religion in Essence and Manifestation*, em Londres (1938) -, importa nessa abordagem compreender em que medida a religião concede ao indivíduo-religioso espécie de *elã* capaz de mobilizar-lhe pragmática e subjetivamente na vivência das relações sociais e no desenrolar das ações sociais. Alinha-se a esse entendimento outro importante autor da Ciência da Religião estrangeira: W. Brede Kristensen (1867-1953). Com ele, a Fenomenologia da Religião, na condição de possibilidade de abordagem da religião, se robustece com uma metodologia sistemática que prevê tanto descrição quanto comparação, mas não apenas isso. Esses estágios antecederiam ao processo interpretativo, com vistas à compreensão das religiões no que lhes caracteriza como específico e fronteiro. Antes do chamado Perspectivismo ou da Antropologia Simétrica se tornar essa conhecida escola antropológica no Brasil, Kristensen⁸ sustentava a importância de tentar compreender a experiência do crente a partir dos seus próprios termos, ou seja, por uma via interna ao discurso e não apenas externa e descritiva.

Assim como nas abordagens fenomenológicas acima, formuladas em diálogo com a Filosofia, há nas Ciências Sociais da Religião propostas que visam à compreensão da religião pela via hermenêutica e que, portanto, deslizam da ênfase empírica para a análise das informações sobre o dado religioso, obtidas etnograficamente em estudos de caso e em observações do campo religioso. Chama a atenção, especialmente, a possibilidade de compreensão do fenômeno religioso a partir da perspectiva sociológica de Georg Simmel, para quem o impulso primeiro da religião seria o sentido, que se apresenta como um sistema total de compreensão da existência, isto é, de significado ontológico, que por si somente seria suficiente para justificar a sua relevância. Portanto, mais importante do que ressaltar a plausibilidade empírica da religião seria perceber que por trás dela existiria um “intenso anseio interior [...] quase como uma forte sensação subjetiva”, que leva o ser humano “a crer na existência de um objeto que lhe corresponda, mesmo quando se deveria duvidar logicamente da existência desse objeto.”⁹

Resulta dessa perspectiva que religião não seria redutível à ética ou moralidade, pois cada uma possuiria forma própria de organizar os conteúdos da vida. A religião seria uma forma possível de organizar a vida dentre outras, como a artística, a econômica, a política etc.

O fenômeno religioso em sua essência específica, em sua existência pura, livre de toda “coisa” empírica, é *vida*; o homem religioso *vive* de uma maneira que lhe é própria e seus processos psíquicos apresentam um ritmo, uma tonalidade, um arranjo e uma proporção de energias psíquicas que são claramente distintos daqueles do homem teórico, artístico e prático.¹⁰

A complementariedade do entendimento simmeliano da religião em relação ao que foi exposto é que o sociólogo alemão entende a religião como “algo mais” do que coisa do reino subjetivo: ele indica o caráter teleológico que uma experiência religiosa pode

⁷ T. RYBA, *Phenomenology of Religion*, p. 92

⁸ W. B. KRISTENSEN, p. 13

⁹ G. SIMMEL, *Religião*, p.26.

¹⁰ *Ibid.*, p.27.

constituir para um crente e acentua a eficácia social desta experiência na ordenação de seu mundo. Como consequência, as análises sobre o fenômeno religioso que atinem apenas para a parte física da religião ou para a religião como projeção de relações sociais acarretariam entendimentos reducionistas do fenômeno e ocultariam o real problema, que seria o do sentido. Isso posto, o fenômeno religioso seria *conhecível* porque as categorias pelas quais se comunica se constituem com base num material sensorial bruto: a vida social, a linguagem, a cultura, o contexto histórico.

Parte importante do conhecimento sobre o religioso, portanto, seria perseguir a continuidade entre esse material bruto e o que ele representa para quem ostenta algum tipo de fé religiosa. Se na academia a construção desse saber tem uma finalidade compreensiva que contenta-se na elucidação do fenômeno, para o Ensino Religioso como componente curricular que se serve desse saber a finalidade pode ter outro objetivo ou, para usar uma expressão weberiana, pode representar uma outra racionalidade quanto a fins, a saber: conhecer as manifestações que compõem o campo religioso brasileiro, bem como compreendê-las, teria o potencial de permitir a ampliação do debate e do diálogo público sobre o papel, a função, o lugar, os direitos e os deveres das expressões religiosas no âmbito do Estado e sociedade brasileiros. Assim, ampliando igualmente para as possibilidades de entendimento entre cidadãos(ãs), sejam religiosos(as) ou não, e contribuindo para a erradicação das violências e das intolerâncias.

Ensino Religioso reflexivo

O que estou chamando de Ensino Religioso reflexivo corresponde a um tipo de ensino sobre religião que discorre sobre ela, como na área de Ciência da Religião, descritiva e analiticamente. Tomo por princípio que conhecer a religião implica observá-la conforme as variadas formas com que aparece para, então, interpretá-las e compreendê-las. Isso posto, observar a religião ou as formas com que se manifesta requer saber a respeito delas sua origem (no tempo e no espaço), seus fundadores(as), o que propõem (mitos e teologias) e como se performatizam (seus ritos e práticas). Elencar esses conhecimentos sobre a religião tem a finalidade de promover conhecimento sobre o fenômeno, tanto do ponto de vista de como aparece histórica e socialmente, quanto do ponto de vista do sentido que lhe subjaz na medida em que se desenvolve na vida das pessoas religiosas, isto é, na experiência delas. Parte-se do pressuposto de que a religião manifesta-se em diferentes épocas segundo a linguagem de culturas específicas e circunscritas por lugares que têm influência na forma como se expressam. Portanto, uma manifestação religiosa que tenha emergido na Europa do século 16 como o Protestantismo, incrustado das influências, das formas de se comunicar e das demandas específicas daquele tempo, seja primeiramente descrita para depois ser analisada e compreendida. No mínimo, para o desenvolvimento desse processo de aprendizagem faz-se importante o recurso aos livros de História, aos mapas do mundo, obras artísticas como quadros e ilustrações, além de outros recursos, a fim de que contextos históricos, políticos, geográficos e culturais sejam explicitados; dados que, paulatinamente, contribuirão para o desvelamento dos sentidos que subjazem à prática dessa religião por determinados grupos sociais, no passado e no presente. Da mesma forma, para que sejam compreendidas as crenças, as práticas e os costumes do “povo de santo” no Brasil, isto é, de candomblecistas, o conhecimento histórico dessa religião, da sua matriz, de seu conjunto de narrativas sagradas (mitos) e de seus preceitos (teologia) necessita ser

desvelado por meio da sua observação; o que também se faz conhecendo a sua história e os discursos daqueles que a praticam. Aqui também se concede relevância aos termos internos ou termos nativos que definem a religião.

O ato de falar sobre algo e de explanar a respeito de algum tema com a finalidade de torná-lo compreensível ou revelá-lo é, em si, um ato de interpretação que produz conhecimento sobre a coisa. Trata-se do movimento de lançar luz sobre algo que estava velado por uma aparência imediata. Retirar o véu e observar o que lhe subjaz é ir além do objetivo: é perseguir o(s) sentido(s) dele no âmbito de um tempo, de um espaço, de um grupo. Essa explicação externa sobre um fenômeno religioso permite que se produza um conhecimento sobre ele que o ordena em quadros mais ou menos claros, segundo seus 1) - índices; 2) - ícones/símbolos; e 3) - formas de apresentação. Daí que, após essa construção, chega-se a possíveis classificações (provisórias) das formas de religião, se individuais ou coletivas, se racionais ou mágicas, se pré-modernas, modernas ou pós-modernas, se discursivas ou performáticas, dentre outros parâmetros (não tão fixos, nem tão oclusivamente binários), mas que proporcionam a construção cognitiva do que seja a diversidade religiosa. Pouco a pouco tal conhecimento permite a comparação, a identificação de similaridades e de rupturas entre os modos de religião e, por fim, a compreensão quanto ao que é contínuo entre as religiões e o que as distingue. Esse quadro sobre o fenômeno religioso é que torna possível a reflexão, a crítica e a formulação de opiniões sobre a religião.

Diferente de rezar o “Pai Nosso” numa sala de aula, de afirmar que o único meio para a salvação de um indivíduo é Jesus ou solicitar aos alunos e alunas que “meditem” por alguns minutos antes do início de uma aula, o Ensino Religioso que se pretende reflexivo descreve o “Pai Nosso” como oração cristã (católica, protestante e evangélica), cujo conteúdo afirma a existência de um deus santo, que tem um reino, que cuida daqueles que nele creem etc. Tal ensino busca os elementos que constituem tal prática religiosa, que é um conteúdo. Ao ordená-los visa gradativamente clareá-los para o(a) estudante, que, de posse de tais elementos compreendidos, passa a ter condições de construir seus quadros de entendimento sobre o fenômeno. Espera-se como resultado desse processo que o(a) estudante crie condições para formular suas opiniões de maneira crítica e autônoma. Por isso, a abordagem fenomenológica entende-se também como ferramenta para a construção de uma aprendizagem significativa, do tipo que contribuirá de fato para a formação da pessoa, na condição de cidadã de direitos e deveres.

A especificidade desse Ensino Religioso é que no âmbito dele pode-se ler uma oração, pode-se mesmo tentar compreender o sentido de cada um de seus versos (dependendo da faixa etária do grupo de alunos[as]), mas não se pode rezá-lo com as crianças/adolescentes. Essa prática é de alçada da religião e não da escola e tampouco do professor de Ensino Religioso. No ambiente da sala de aula e nos espaços escolares pode-se falar a respeito das práticas religiosas, mas não efetuar-las. Reside aí a diferença entre ensinar sobre religião e fazer proselitismo religioso: um professor de Ensino Religioso tem a tarefa de professar as ideias e esclarecer as razões pelas quais se reza o Pai Nosso em alguns meios sociais, mas não lhe cabe universalizar tais ideias impondo-as como absolutas, como se em todos os grupos fosse prática obrigatória ou como se nos grupos religiosos em que não identifica essa prática houvesse algum nível de desqualificação. Portanto, descrever a prática para decompô-la, situá-la socialmente e explicitar-lhe o sentido é fazer do fenômeno algo cognoscível. Um conhecimento válido para a formação do(a) aluno(a).

Nesse sentido, abordar fenomenologicamente o fato religioso implica conhecê-lo naquilo que o constitui externa e internamente, na aparência imediata e no sentido que porta. Como no caso de uma aula de Ensino Religioso planejada e ministrada por uma licenciada de Ciência da Religião sob minha orientação, que, ao tematizar o Islã – religião praticada por muçulmanos(as) – empregou como material didático diferentes tipos de véus islâmicos (burca, niqab, hijab e xador) para falar a respeito da religião e seus princípios. A professora deu início à aula apresentado os véus e permitindo que seus alunos(as) os tocassem. Em princípio, a religião não foi nominada com a finalidade de que o objeto religioso despertasse curiosidade a cerca de seu significado. Assim, na medida em que emergiram observações sobre como eram bonitos os tecidos e surgiram questões sobre o que eram e para que serviam aqueles “panos”, os nomes Islã, Corão, Alá, véu, muçulmanos(as) e outros termos relacionados à religião foram sendo elencados e explicitados um a um. A materialidade do objeto conduziu à construção dos conceitos e, com isso, do concreto deu-se à aprendizagem dos sentidos religiosos subjacentes a aparência imediata do Islã. O tema que foi desenvolvido numa série de outras aulas culminou com uma atividade lúdica muito aplaudida pelas alunas da turma: um desfile de moda islâmica, que envolveu toda a turma de discentes. Vale dizer que a professora que planejou e executou tais aulas preparou-se com antecedência, estudando o Islã, visitando uma mesquita, conversando com mulheres muçulmanas e entrevistando o sheik (líder) do grupo visitado. Por conseguinte, conhecendo o Islã naquilo que o constitui externa e internamente, isto é, na aparência imediata e no sentido que porta para os religiosos(as) que a praticam.

Considerações finais

Primeiro, encaminho este artigo para as considerações finais afirmando que é possível entender como uma afinidade entre a Ciência da Religião e o Ensino Religioso tanto o enfoque multidisciplinar (enviesado pela perspectiva hermenêutica que perpassa áreas como a Filosofia da Religião, os Estudos Literários, a Sociologia Compreensiva e outras) quanto a centralidade de seu objeto que é a religião, ou o fenômeno religioso. É importante ressaltar que tal objeto seria mais bem compreendido se nos aproximássemos dele considerando sua propriedade de sujeito dinâmico e não estático. Segundo, a Ciência da Religião como área e o Ensino Religioso como componente curricular se servem do diálogo com áreas de conhecimento do campo das Humanidades, incorporando delas diferentes aportes teóricos que possam contribuir para a descrição e a compreensão do fenômeno religioso. Essa aproximação se constitui como fenomenológica justamente porque observa, cataloga, escuta, traduz, analisa e promove compreensão sobre as diversas expressões da religião. Esse processo, entretanto, ocorre conforme um movimento que necessita de idas e vindas ao tema estudado não visando tecer julgamentos, mas a promoção de entendimento do fenômeno religioso em seus próprios termos; o que, nas palavras de Geertz significa operar a “transferência de sentidos”¹¹. Em terceiro lugar, entende-se aqui que a Ciência da Religião é uma ciência interpretativa, e isso lhe confere a dignidade de não se colocar acima de nenhuma outra ciência, tampouco acima do tema que a move: o fenômeno religioso. Mas, porque seu tema exclusivo é a religião e as formas como se expressa, atinando para os termos que

¹¹ C.GEERTZ, *O saber local*, p.20.

internamente a constituem e para a experiência dela, testemunhada nas narrativas de quem a vivencia, entendo que a Ciência da Religião tem o potencial de servir ao Ensino Religioso teórica e metodologicamente. Mesmo que, na condição de campos em construção, tanto uma quanto a outra possuem na perspectiva fenomenológica um caminho dialógico, porque compreensivo, para construção de uma aprendizagem significativa que alimente uma sociedade pluralista e mais cidadã. Pode-se dizer, então, que a fenomenologia constitui aquilo que une as duas pontas e estabelece ligação entre o mundo das ideias e o ambiente escolar. Logo, falar sobre Ensino Religioso hoje pressupõe que sua prática docente requer preenchimento, isto é, pesquisa, estudo, observação, comparação, análise e, finalmente, compreensão. Caso contrário, as aulas de Ensino Religioso permanecerão envolvidas no imbróglio entre ensinar sobre religião e fazer proselitismo. Algo que no momento atual não mais tem sentido, tendo em vista a produção científica sobre Ensino Religioso publicada e em circulação, a trajetória da Ciência da Religião no Brasil e o recente quadro histórico e político envolvendo a penetração e atuação crescente de religiosos na arena pública de debates.

Referências bibliográficas

ELIADE, M. *Mythes, Rêves et Mystères*. Paris: Gallimard, 1957.

ELIADE, M. *Tratado de História das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

FIGUEIREDO, A. *O ensino religioso no Brasil. Tendências, conquistas, perspectivas*. Petrópolis: Vozes, 1996. (Coleção Ensino Religioso Escolar. Série Fundamentos).

FISCHAMANN, R. (Org.). *Ensino religioso em escolas públicas. Impactos sobre o Estado laico*. São Paulo: FAFE/FEUSP/PROSARE/MacArthur Foundation, Factash, 2008, p. 123-141.

FONSECA, A. *Relações e privilégios. Estado, secularização e diversidade religiosa no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Novos Diálogos, 2011.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GEERTZ, C. *O saber local. Novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

GIUMBELLI, E. A religião nos limites da simples educação: notas sobre livros didáticos e orientações curriculares de ensino religioso. In *Revista de Antropologia*, v. 53, nº 1 (2010): p. 39-78. (Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27345>).

GROSS, E. A Ciência da Religião no Brasil: teses sobre sua constituição e seus desafios. In OLIVEIRA, K. L.; REBLIN, I. A.; SCHAPER, V.G.; GROSS, E.; WESTHELLE, V. (Orgs.). *Religião, política, poder e cultura na América Latina* São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2012. p.13-26.

GROSS, E. Conhecimento sobre Religião, Ciência da Religião e Ensino Religioso. In *Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião*, Juiz de Fora, vol. 17, n. 1, 2014, pp.119-

138.

GRUEN, W. *O ensino religioso na escola*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995. (Coleção Ensino Religioso Escolar. Série Fundamentos).

HEIDEGGER, M. *Being and Time*. New York/Hagerstown/San Francisco/London: Harper & Row Publishers, 1962.

JUNQUEIRA, S. A construção histórica entre o ensino religioso e as ciências da religião no cenário brasileiro. In OLIVEIRA, PEDRO A.; MORI, GERADO de. (Orgs.). *Religião e educação para a cidadania*. São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte: Soter, 2011, p. 169-188.

KLEIN, R. As linguagens do ensino religioso: interfaces com a literatura brasileira. In

KRONBAUER, S; SOARES, A (Orgs.). *Educação e religião. Múltiplos olhares sobre o ensino religioso*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 53-64.

KRISTENSEN, W. B. *The Meaning of Religion: Lectures in the Phenomenology of Religion*. Trad. John B. Carman. The Hague: Martinus Nijhoff, 1960, p. 13.

LUI, J. Educação, laicidade, religião. Controvérsias sobre a implementação do ensino religioso em escolas públicas. (Tese de Doutorado) Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

PIERUCCI, A. Reencantamento e dessecularização. A propósito do autoengano em Sociologia da Religião. In *Novos Estudos Cebrap* n. 49, (1997): p. 99-117.

RODRIGUES, E. *"A mão de Deus está aqui!": Estudo Etnográfico da Igreja Mundial do Poder de Deus*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Campinas, SP: UNICAMP, 2014.

RODRIGUES, E. Ciências da Religião e Ciências Sociais. Aproximações e distanciamentos. In *Plura: Revista de Estudos de Religião*, vol. 2, n. 1, 2011, pp.65-79.

RODRIGUES, E. Ensino religioso, tolerância e cidadania na escola pública. In *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, Juiz de Fora, v. 16, n. 1, 2013, pp.763-782.

RODRIGUES, E. Questões epistemológicas do ensino religioso: uma proposta a partir da ciência da religião. In *Revista Interações - Cultura e Comunidade*, Belo Horizonte, v. 8, n. 14 (2013): pp. 230-241.

RYBA, T. Phenomenology of Religion. In SEGAL, Robert A. *The Blackwell Companion to the Study of Religion*. Oxford: The Blackwell Publishing, 2006, pp.91-121.

SCHUTZ, A. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. *Sobre fenomenologia e relações sociais*. Editado e organizado por Helmut T. R. Wagner. Petrópolis: Vozes, 2012.

SENA, L (Org.). Ensino religioso e formação docente. Ciências da Religião e ensino religioso em diálogo. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

SIMMEL, G. *Religião*. Ensaios. vol 1/2. São Paulo: Olho d'Água, 2010.

SOARES, A. Literatura, religião e educação: considerações a partir da ciência da religião. In KRONBAUER, S; SOARES, A (Orgs.). *Educação e religião. Múltiplos olhares sobre o ensino religioso*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 65-79.

SOARES, A. *Religião & educação: da ciência da religião ao ensino religioso*. São Paulo: Paulinas, 2010. (Coleção temas do ensino religioso).

Recebido 30/07/2015

Aprovado: 04/08/2015